

TRAÇOS, OBJETOS, RASTROS E MEMÓRIAS QUE COMPÕEM UMA IDEIA DE SUL DO SUL

Um olhar a partir da Literatura

*CLUES, OBJECTS, IMAGES AND MEMORIES
THAT MAKE UP AN IDEA OF THE SOUTH IN THE SOUTH
Thinking through Literature*

Marlise Buchweitz¹

Resumo

No presente texto apresento um pouco sobre o que penso sobre o lugar que habito e no qual escrevo, me escrevo e pesquiso, o sul. Trago, inicialmente, uma linha de análise realizada na tese de doutoramento, e que condiz totalmente com a temática, sobre uma paisagem cultural comum a Vitor Ramil, Saúl Ibargoyen Islas e Juan José Saer, a partir de sua prosa e um texto ensaístico. Num segundo momento, apresento uma reflexão sobre um texto/livro de cada uma entre três poetisas latino-americanas – Renata Requião, gaúcha, Ana Porrúa, argentina, e Marosa Di Giorgio, uruguaia – visando a destacar traços, objetos, rastros e memórias que compõem uma ideia de sul do Sul, realizando o que chamei de “rascunhos” de uma leitura que merece aprofundamentos e críticas de diversos pesquisadores de distintos campos do saber. Parto do questionamento sobre que lugar é esse e destaco a importância de pensá-lo em toda multiplicidade que o compõe, sendo o viés literário uma das possibilidades de fazê-lo.

Palavras-chave: literatura comparada, poesia, sul do Sul, memória, identidade.

Abstract

In this text I present some perceptions on what I think about the place I inhabit and in which I write, write myself and research, the south. I bring, initially, a line of analysis carried out in the doctoral thesis, and which fully matches the theme, on a cultural landscape common to Vitor Ramil, Saúl Ibargoyen Islas and Juan José Saer, from their prose and an essay text. In a second moment, I present a reflection on a text/book by each of three Latin American poets – Renata Requião, from Rio Grande do Sul, Ana Porrúa, from Argentina, and Marosa Di Giorgio, from Uruguay – aiming to highlight clues, objects, images and memories that make up an idea of the South, that I called “drafts” of a reading that deserves deepening and criticism from several researchers from different fields of knowledge. I start questioning which place is this and I emphasize the importance of thinking it in all its multiplicity, and the literary point is one of the possibilities.

Keywords: comparative literature, poetry, south of the South, memory, identity.

Sul do Sul, na América Latina

Sul do Sul: o nosso aqui, nosso centro... “Que lugar é esse?”, canta Vitor Ramil (1995) ao dizer sobre uma estação que pode estar em qualquer lugar, ser daqui ou não... Assumindo a perspectiva de que a estação na qual chegam trens “de todo lugar” esteja localizada “aqui”, associa-se tal questionamento a um olhar direcionado para o sul do Sul também por toda análise do escritor em pensar uma “estética do frio” (RAMIL, 2004) em contraposição ao clima tropical do restante do Brasil fora o Rio Grande do Sul.

Além da ideia de uma estética do frio, há outros e diferentes sentidos para um mesmo lugar, como, por exemplo, a ideia de que “nosso Norte é o Sul” (TORRES GARCIA, 1943), a idealização de um espaço em que os elementos naturais existentes e marcantes são, dentre outros, o vento sulino e o frio cruel (IBARGOYEN, 2014), e a imagem de uma planície vasta e o “horizonte infinito” (SAER, 2015), além de outros não citados aqui. Essas percepções destacadas referem-se a autores previamente estudados em outros momentos que permitem reunir similaridades de imaginário literário a partir de uma paisagem cultural comum.

Vale pensar, como já apontado em minhas pesquisas (BUCHWEITZ, 2018), num lugar geoistórico (MIGNOLO, 2003) para essa discussão, o sul do Sul, dentro da América Latina, espaço constituído pela colonialidade. Mignolo (2003, p. 313) também menciona sobre uma paisagem transformada pela globalização, que “questiona a pureza da linguagem, a homogeneidade da literatura e o caráter distinto das culturas nacionais”. Assim, o lugar geoistórico se conecta com histórias locais “encenando projetos locais” dentro da subalternidade – reação à hegemonia do saber europeu e norte-americano –, ou seja, dentro de espaços em que se manifesta um “desejo de homogeneidade” e uma necessidade “implícita de hegemonia” (MIGNOLO, 2003, p. 418), o qual é a América Latina. Desse modo, pensar sobre esse espaço sulino foi o caminho que segui durante a tese de doutoramento e cujo objetivo persigo neste artigo, visando a deixar registrado um pouco das coisas que penso e das análises possíveis dentro dessa temática a partir de meu repertório literário.

Saliento o momento no qual escrevo dizendo que o tempo das minhas pesquisas está localizado na segunda metade do século XX e no início do século XXI, quando há uma evidência e uma valorização das histórias locais e não-canônicas, as quais refletem outras versões para as histórias antes tidas como única versão, oficiais, além de se iniciarem os estudos de memória. O historiador Pierre Nora (1993, p. 17) nos fala sobre um dever de memória, destacando que “[...] todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir a busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens”. Neste sentido, também a literatura compreende o conjunto das ciências e das artes a partir das quais é possível registrar memórias, refletir sobre elas e pensar sobre o local delas.

Nesta linha de pensamento, trago para a presente reflexão um pouco do que já escrevi sobre esse lugar que, para nós, é nosso centro de referência, dizendo da pesquisa de doutoramento realizada e defendida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPel e apontando novas possibilidades de pensar o mesmo espaço geográfico a partir de outras leituras e outros autores. Desta forma, a paisagem na qual estão inseridas as descrições, os objetos, as sensações e a memória de cada um dos sujeitos escritores é o espaço ao sul do qual falo. Eu poderia dizer tratar-se do Pampa, bioma que reúne território do Rio Grande do Sul/Brasil, do Uruguai e da Argentina, como destaquei na tese (BUCHWEITZ, 2018); também poderia apontar para um “território condicionado pelo clima, pela vegetação e pela topografia” (GONÇALVES; SACCO, 2021), porém buscar os sentidos desse espaço

¹ Doutora na área Interdisciplinar, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), Mestre em Letras/Estudos Literários (UFRGS), professora de língua inglesa (SEDUC-RS).

físico dentro de escritas literárias remete a considerar as coisas, os objetos, as gentes que vêm e vão e as que vão e voltam, as interculturalidades e os intercâmbios possíveis nesse universo ímpar, múltiplo, nosso e dos que aqui estão, mas também dos que saíram daqui e o carregam dentro de si e em suas lembranças como o lugar das memórias afetivas. Deste modo, o que intenciono dizer é que nosso lugar é múltiplo, diverso, ímpar, e falar dele é destacar um pouco dos sentidos caros a mim mesma, já que “nenhuma disciplina é capaz de dar conta do todo” (BETTS; ROBIN, 2017) e compreendê-lo perpassa a interdisciplinaridade.

Dito isso, na presente análise, portanto, além de, em um primeiro momento, apontar questões já debatidas anteriormente e que são fundamentais para mostrar os percursos de pesquisa que faço, realizo também uma reflexão sobre os sentidos desse local geográfico através de um recorte literário de poesias de três escritoras – Renata Requião, gaúcha/brasileira, Ana Porrúa, argentina, e Marosa Di Giorgio, uruguaia. Vale destacar a intencionalidade em investigar a temática de uma paisagem sulina, dentro da América Latina, a partir da poesia. Para tanto, a escolha por uma escritora de cada país, Brasil, Argentina e Uruguai, se justifica pela congruência de percepções já observadas na arte, na literatura e na música de diferentes indivíduos que pensam esse território similar e se conectam a partir dele; ademais, mantenho assim a congruência de lugares já estudados na pesquisa de doutorado. Adicionado a isso, há uma busca aqui em apontar como cada uma das poetisas compõem, se compõem, a paisagem e o espaço físico e cultural no qual se inserem, além de se observar minimamente como delineiam um lugar para sua escrita.

O caminho da tese: Vitor Ramil, Juan José Saer, Saúl Ibagoyen e o Pampa em comum

Inicialmente, vale destacar que o ponto de partida para minhas pesquisas e reflexões sobre uma paisagem sulina provém da leitura da obra de Vitor Ramil. O autor, ao longo de sua história com a música e a literatura, traduz a cidade e cria uma noção de Sul que se distancia de qualquer visão épica ou totalizante. Através de sua arte num todo, pode-se perceber um encontro entre música, poética, estética e literatura, da Argentina, do Uruguai e do Sul do Brasil. As relações que Ramil estabelece com diferentes compositores e artistas tanto do Brasil quanto dos países vizinhos são discutidas no documentário “A Linha Fria do Horizonte”, lançado em 2014. Tal trabalho condensa e reúne de forma extremamente esclarecedora as interferências de uns em outros e as abordagens similares à conceitualização da estética do frio de Ramil.

Neste sentido, na tese “Literatura, memória e paisagem: o Pampa em Vitor Ramil, Juan José Saer e Saúl Ibagoyen”, realizei um estudo de literatura comparada analisando “elementos dentro de narrativas literárias [que] remetem à memória coletiva da paisagem do Pampa” (BUCHWEITZ, 2018, p. 8). Conforme destacado na reflexão, segui as pistas do próprio Ramil, que fala das conexões entre sua música e sua reflexão crítica com as de outros artistas, e a pesquisa foi sobre parte de sua obra literária também fazendo essas mesmas amarras. O espaço sulino é definido pelo próprio autor e, dentro do Sul, escolhi pensar a paisagem do Pampa como junção de múltiplas interpretações a partir do olhar de diferentes sujeitos.

Pensando no movimento realizado por mim, também busquei outras pesquisas na plataforma de periódicos da CAPES, usando como palavras-chave “sul do Sul”, “América do Sul”, “literatura”, “Pampa”, sendo que foram obtidos resultados para a associação das expressões “Pampa” e “literatura”. Dos cerca de dez artigos encontrados, cito dois deles como exemplos de análise da paisagem do Pampa na obra de alguns autores, lógica que se repete em praticamente todos os artigos encontrados. Têm-se, portanto,

“Entre La Pampa y El Mar: Sarmiento, Hernández e um Bosquejo Histórico-Literário Sobre a Gênese do Pensamento Geopolítico Argentino”, de Gabriel Rodrigues Peixoto (2021), em que o autor analisa “as obras de Domingo Sarmiento e José Hernández e aqueles aspectos próprios do enfrentamento primordial entre aquelas forças da terra e do mar que lastreiam o pensamento geopolítico”, e “La pampa en movimiento: figuraciones del paisaje del Martín Fierro de José Hernández al filme Nobleza gaúcha”, de Nicolás Suárez (2018), em que “A partir de una lectura comparativa del poema y el filme, [o] trabajo se propone indagar las formas en que la pampa es abordada en la película como paisaje y, a la vez, escenario de una historia nacional”.

Assim, em minha pesquisa (BUCHWEITZ, 2018), a ideia foi encontrar perspectivas de interpretação literária para o Pampa, cuja imagem descrita por Vitor Ramil (2004, p. 19) parece ser senso comum: “[...] um céu brilhante sobre uma planície do sul e verde, onde um gaúcho solitário, protegido por seu poncho de lã, estava bebendo um chá de ervas, pensativo, os olhos no horizonte”. Além disso, busquei analisar “algumas de suas obras e encontrar as convergências entre os três artistas para discutir categorias como memória coletiva e memória individual, memória afetiva, memória e espaço, memória e identidade, memória e paisagem, memória e literatura, local x global” (BUCHWEITZ, 2018, p. 19). Parti da escolha de três autores – Ramil e outros dois que pudessem dialogar com a obra dele – e, depois, escolhi três textos de cada autor, sendo duas prosas e um ensaio, o que permitiu alicerçar a reflexão sobre as obras ficcionais na própria reflexão literária, ensaística e de espaço físico de cada um. Escolhi, deste modo, as obras “Estética do Frio”, “Pequod” e “Satolep”, de Vitor Ramil, “Las fronteras y el mundo”, “Toda la tierra” e “Volver... volver”, de Saúl Ibagoyen Islas, e “El río sin orillas”, “El entenado” e “La ocasión”, de Juan José Saer. Destaco trazer aqui apenas o recorte do que interessa para a temática deste texto, ou seja, os elementos das obras destes autores que me fizeram compreender uma paisagem cultural comum, o Pampa, que é parte do nosso Sul.

Ao relacionar as obras desses autores, destaquei que Ibagoyen (2000) não menciona o gaúcho, mas cria uma imagem mental de um sujeito a qual é semelhante à ideia de gaúcho que temos: a do indivíduo no lombo do cavalo percorrendo vastos campos e coxilhas. Entretanto, além do personagem que condiz com o estereótipo do gaúcho, os autores também apresentam outros tipos sociais e diferentes identidades e formas de relacionar-se com a paisagem do Pampa. Pude, através das leituras, formar uma imagem do Pampa para cada autor: a de uma planície longa e verde na qual um homem solitário e seu cavalo olham para o horizonte (RAMIL, 2004); a de planície e horizonte indissociáveis no inverno formando algo cinza e vazio (SAER, 2015); e a de um sujeito no lombo do cavalo em meio à imensidão do campo (IBARGOYEN, 2000). Destaquei, portanto, que “a relação já estabelecida entre as pessoas e o objeto nos remete a essa imagem, muito enraizada no imaginário popular” (BUCHWEITZ, 2018).

Assim, concluí que Ramil nos apresenta um Pampa que se relaciona com as sensações climáticas e “busca contemplar uma memória latino-americana não nativista, uma ideia de Sul como memória reconstruída” (BUCHWEITZ, 2018, p. 80). Deste modo,

Ramil vai criando âncoras da memória – o frio, a milonga, o Pampa – para compor sua arte falando do seu lugar, das coisas que lhe são tão íntimas. Ao falar a partir do seu *locus* de enunciação, seu lugar geográfico – Pelotas, Rio Grande do Sul –, Ramil está direcionando o olhar do crítico para a reflexão sobre as histórias locais, o jeito específico e ao mesmo tempo híbrido de ser do gaúcho, no Rio Grande do Sul e no Brasil. O autor enfatiza, portanto, seu lugar a partir de algo mais peculiar e característico em relação ao restante do país: o frio, que, no caso, remete ao clima (BUCHWEITZ, 2018,

Na reflexão sobre as obras de Saúl Ibagoyen Islas percebi um Pampa ligado à natureza e uma escrita que se volta também para as mudanças que ocorrem nas cidades (BUCHWEITZ, 2018), o que conflui para o que Ramil fala em relação às “ruínas da cidade”, em “Satolep” (2008). Os elementos que remetem ao Pampa e ao sul são “o cavalo como meio de transporte e trabalho, a vastidão de terras planas, a linguagem da fronteira, intermediada de vocábulos da língua portuguesa do Brasil, as milongas e os tangos, o vento sulino e o frio cruel”; as memórias mais caras desse lugar relacionam-se com “o sabor doce do café que remete às doçuras da padaria da província onde passava as férias” e o “cheiro dos eucaliptos” (BUCHWEITZ, 2018, p. 122).

Na obra de Juan José Saer compreendi uma imagem do Pampa relacionado à paisagem e são “elementos marcantes [...] tanto o rio da Prata, o Pampa, a planície e o horizonte, bem como as estações bem definidas desse Sul representado em sua obra” (BUCHWEITZ, 2018, p. 154). Foi perceptível também uma ideia de “espaço físico cujos limites são praticamente imperceptíveis e o qual, juntamente com os arbustos e os sujeitos que habitam o Pampa, dão a ideia de vazio”, sendo o vazio “representado pela planície infinita, a perder de vista, a qual, no inverno, dá um tom cinza à paisagem” (BUCHWEITZ, 2018, p. 155). Deste modo, para Saer, sujeito e natureza interferem um no outro e constituem a paisagem do lugar (BUCHWEITZ, 2018).

Ainda que de modo bastante sucinto e apontando apenas um viés do estudo realizado durante o doutoramento, entendi necessária essa apresentação como direcionamento para as questões que me são caras enquanto pesquisadora. Pensar o Pampa na obra desses autores foi viável a partir de todo aporte teórico que sustenta as diferentes questões levantadas na pesquisa, as quais não cabe trazer na integralidade para um artigo. Por outro lado, incluir essas percepções aqui neste texto serve para revelar, como já citei, os caminhos pelos quais delinhei minhas análises dentro da literatura comparada, a saber, o lugar, a paisagem, a memória e a relação indivíduo e espaço que (o) habita.

Todas as ideias desenvolvidas sobre esses autores mencionados (BUCHWEITZ, 2018) servem para direcionar a análise que realizei visando a buscar os sentidos, os objetos e as percepções das poetisas Renata Requião, Ana Porrúa e Marosa di Giorgio em relação ao lugar do qual e sobre o qual elas escrevem. Tal lugar, a meu ver, me faz concluir que, sim, é possível pensar num sul do Sul, numa escrita situada na América Latina a partir da poesia destas autoras. Disto isso, convergindo com toda perspectiva de compreensão do espaço e da paisagem cultural na literatura das escritoras, tem-se ainda a ideia de uma memória que se molda e fica registrada para que “futuros descendentes saibam de nós” (RAMIL, 2008).

Renata Requião, Ana Porrúa e Marosa Di Giorgio: possibilidades de pensar um lugar ao sul

Analisar a obra, ou parte dela, das escritoras Renata Requião, Ana Porrúa e Marosa di Giorgio remete a dar continuidade a uma problemática já pesquisada e discutida por vários autores sobre as similaridades culturais dos indivíduos que habitam a paisagem do Sul da América do Sul, neste caso de Rio Grande do Sul/Brasil, Uruguai e Argentina. Seguindo o movimento realizado na tese, escolhi trazer aqui outros sujeitos que também permitissem ler em sua escrita essa paisagem sulina que penso e sobre a qual tanto falo. O ponto de partida foi a escrita da professora Renata Requião, por intermédio de quem passei a ler Vitor Ramil e cuja trajetória de escrita minimamente me é familiar – refiro-me à tese de doutoramento na UFRGS, aos registros em

cadernetas que realiza ao longo dos anos, aos escritos que vez ou outra ganhei de presente. Conteí-lhe de meu intento e, prontamente, recebi outros escritos para ler, além de sugestão de escritoras com as quais percebia similaridades ou possibilidades de me auxiliar a pensar sobre esse lugar no qual estamos e do qual escrevemos. Deste modo, apresento o que poderiam ser “rascunhos” de uma longa caminhada lendo as produções de cada uma das poetisas e interpretando suas palavras para poder dizer tratar-se de uma paisagem afim. Ouso falar de um rascunho remetendo à ideia de traços primeiros de uma pesquisa, já que apresento por ora algumas de minhas interpretações, que não podem ser entendidas como totalizantes.

Renata Azevedo Requião nasceu em Pelotas/RS, em 1960. Ao contar um pouco de si, destaca que constrói sua própria casa entre duas árvores, num movimento em que “a vida parece ganhar mais sentido se descobrimos *qual é nosso lugar*” e “a partir do esforço de [s]eu próprio corpo, recolhendo coisas-objetos” (REQUIÃO, 2017 – grifos da autora). Também, fala que “É nas cadernetas que registr[a] a movimentação [o ‘tudo o que se passa’] na ‘linha do horizonte’, e aos elementos de [s]eu ‘teatro de sombras’” (REQUIÃO, 2017), o que já nos remete à ideia do documentário de Vitor Ramil sobre a linha do horizonte e dá pistas de se estar lendo uma escritora que também pensa e se pensa no Sul. Além disso, outros rastros em seus textos-poemas permitem identificar elementos que nos comprovam que estudar sua obra potencializa a construção de um pensamento voltado para a paisagem cultural e geográfica na qual se coloca a autora.

Para a presente análise, direciono o olhar para sua tese de doutoramento, “Estesias” (2002), cujo texto não é escrito de forma linear e potencializa a ideia de uma poética pessoal, já que a autora escolheu dez poetisas que se expressam ao mesmo tempo em que ela tenta também fazê-lo, cada um com sua própria manifestação poética (REQUIÃO, 2002). Tanto pela forma como o texto é apresentado quanto pelo resumo e pela introdução é possível inferir a ideia de uma escrita poética, o que justifica a escolha do texto para a reflexão aqui, cuja ideia é pensar sobre as escritas de três poetisas. Assim, alguns exemplos de registros e pistas do seu lugar estão em: “11 julho 2000 / frio polar / molha o olho / que busca a lua / Chega da argentina esse frio que justifica lareiras, mate quente, bolinho de chuva com chocolate” (REQUIÃO, 2002, p. 69); “13 setembro 2000 / chove, / recomeça o inverno / neste nosso / estranho lugar” (REQUIÃO, 2002, p. 103). Ao mesmo tempo frio, também estranho, o lugar de Renata que apresento aqui é o das características mais óbvias, cuja imagem mental da lareira acesa, do mate quente e do bolinho de chuva acalenta a lembrança e traz um “valor de intimidade” (BACHELARD, 2008) em relação ao que leio porque é também parte de minha paisagem íntima em relação ao espaço físico.

Em relação a Ana Porrúa, destaco que ela nasceu em Comodoro Rivadavia, em 1962. Em seus poemas, também se lê a ideia de uma concepção de lugar ao sul em que acontecem as vivências e se situam as memórias e os objetos pessoais. Ela diz “[...] escribir bajo la idea de serie. A partir de un objeto, una sensación o un tópico, pequeños poemas que arman constelaciones” (PORRÚA, 2007). A obra destacada aqui é o livro “El Chenque” (lançado em 2005), e a partir de uma análise crítica Rita Kratsman (2007, s.p.) tem-se a imagem do que seria um *chenque* (Figura 1) e a definição: “Una rueda de piedras, un anillo que rodea el silencio”.

Em sua escrita, portanto, podemos perceber uma ideia da paisagem geográfica, climática e cultural do Sul: “[...] de este lado, el viento que eriza el lomo del agua cuando lame o clava la lengua, nosotros, sentados en la playa, en la jaula del chenque, con los ojos calando la distancia” (PORRÚA, 2007); “oído absoluto: el viento es la nota que afina una topografía cierta. del chenque al chenque como una enorme sábana pesada y seca, que se agita de manera asimétrica, fuera de compás por los lados. así, un sonido” (PORRÚA, 2007). Para Kratsman (2007, s.p.), em “El chenque”, “La voz



poética se articula con vívido asombro ante un lugar, tierra del sur que se empecina en descubrir sus arcanos: chenque, terreno acorralado, silencio que sometido por el viento se trepa a todos los matices de la sombra [...]”. Pode-se inferir, desta forma, a ideia de um olhar que mira o horizonte e observa a distância, voltado para uma terra ao sul, e o vento como presença marcante e bem evidente: “acá hay viento. acá hubo tehuelches. éramos nosotros.” (PORRÚA, 2007).

Marosa di Giorgio nasceu na cidade de Salto, em 1932, e faleceu em Montevideu, em 2004. Segundo Giuliana Seerig (2021, s.p.), “sua escrita, como poucas, cria para si um mundo próprio”. Ela “consideraba a la infancia como ‘su sitio en el inmenso universo. El punto único e irrepitible donde se originó mi vida y donde pude escribir” (TENTONI, 2020). Para esta análise, trago referências do livro “Los papeles salvajes”, tanto na versão original em espanhol (DI GIORGIO, 2008) quanto a partir de alguns poemas traduzidos por Giuliana Seerig (2021). Destaco que dizer apenas de um espaço ao sul é reduzir a obra de Marosa a um elemento que, talvez, ela nem tenha tentado escrever sobre, já que seu lugar, de algum modo, é também a infância, e em sua obra traz constantemente diferentes traços e objetos do espaço que a rodeia, bem como dialoga com o tempo passado e presente.

Como é o espaço sulino que me interessa aqui, de acordo com tudo já enfatizado anteriormente, apresento alguns registros: “Enséñame, mamá. Ayúdame. En medio de esta tarde oscura. En medio de esta noche fría” (DI GIORGIO, 2008); “Que país fascinante é o meu país. Tão plano. Com os animais pintados no campo.” (SEERIG, 2021). Deste modo, a ideia de uma noite fria e a planície do campo podem potencializar a constituição de uma imagem mental do lugar sulino, o qual, ainda que não seja o foco da escrita de Marosa, como também não o parece ser na poesia de Requião, permeia e situa os fatos e os sentimentos descritos. Assim, de algum modo, a paisagem do entorno da poesia de Marosa se relaciona com a percepção imagética de lugar de Ana Porrúa e Renata Requião, remetendo a uma ideia de horizonte a perder de vista, numa terra plana.

Considerações

Mais uma vez, vale salientar a relevância de pensar o Sul na convergência de pesquisas realizadas no âmbito da literatura comparada como o lugar no qual estamos situados enquanto pesquisadores que pensamos e se pensamos dentro de uma paisagem cultural específica. O lugar geohistórico do qual falo é múltiplo, possui diferentes linguagens e jeitos de ser e se ver no mundo, bem como compreende inúmeras questões culturais; deste modo, direcionar o olhar para uma imagem que encerra em si objetos, traços e sensações conectadas com o clima é um dos vieses de possibilidades escolhido, como mencionado, a partir de uma literatura específica e local. A escolha do ponto de partida, tanto de minha tese de doutoramento quanto deste texto, situada em escritas de autores pelotenses é também um movimento de pensar o que estamos produzindo e dizendo desse nosso jeito de ser e de como nos vemos a partir do espaço geográfico.

Destaco sobre busca de pesquisas na plataforma de periódicos da CAPES com as palavras-chave “escrita feminina”, “poesia” e “lugar”, para a qual foram encontrados um artigo e uma dissertação que pudessem ter relação com as ideias dessa reflexão. Sara Beatriz Guardia (2013), em seu artigo “Literatura e escrita feminina na América Latina”, escreve sobre o desenvolvimento da escrita de mulheres na América Latina, o que não é de todo semelhante à esta análise, mas diz das formas de se ver e escrever das mulheres. Já em sua dissertação intitulada “Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Giannetti e Paloma Vidal”, Schariza Oliveira (2010) busca a “relação identitária, manifestada na criação literária, estabelecida entre sujeito urbano e cidade, com especial atenção à escrita feminina contemporânea”, estabelecendo comparações entre duas autoras, o que se configura como linha metodológica similar à empreendida por mim.

Nesta lógica, definir como objeto empírico a poesia de diferentes autoras é um exercício de compreensão de uma memória do lugar que se molda pelo texto literário. Trazer um pouco das escritas de três poetisas se alinha ao método de estudo da pesquisa de doutorado e amplia o repertório de estudo sobre uma temática afim. Escolhi situar o leitor quanto ao estudo previamente realizado com o intuito de revelar meu percurso memorial e afetivo em relação ao lugar em que nasci; além disso, o texto da tese é deveras valioso para a temática do dossiê da Revista Pixo.

Para o presente artigo, a escolha de um texto/livro de cada uma das poetisas deveu-se ao direcionamento específico de encontrar registros ou rastros que me pudessem dizer que há um lugar ao sul habitado por cada uma das escritoras. A ideia de um sujeito, dentro de sua casa ou fora dela, que sente o frio e o vento e observa a planície remonta a uma imagem mental, imagem que, por ser simples, “revela um estado de alma” (BACHELARD, 2008). E nestes “rascunhos” que visam a mostrar outro grupo de autores – em relação ao da pesquisa anterior –, os quais também se pensam no lugar que ocupam, eu quis apresentar a ideia de um sul do Sul na escrita poética. Responder ao questionamento sobre que lugar é esse é considerar sempre que ele é multifacetado, plural, díspar e possível de ser lido a partir de infinitos olhares e diversas perspectivas. Nenhuma disciplina pode dar conta do todo, conforme já destacado, e pensar esse espaço físico e geográfico a partir da Literatura é uma das maneiras de compreender uma memória registrada via texto literário – prosa ou poesia, de acordo com os textos aqui apresentados.

Agradecimento

Parte da pesquisa de doutorado citada neste texto foi realizada com apoio de bolsa CAPES/DS.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BETTS, Jaime; ROBIN, Sinara (org.). *NósOutros gaúchos: as identidades dos gaúchos em debate interdisciplinar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
- BUCHWEITZ, Marlise. *Literatura, memória e paisagem: o Pampa em Vitor Ramil, Juan José Saer e Saúl Ibargoyen*. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.
- DI GIORGIO, Marosa. *Los papeles salvajes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.
- GONÇALVES, Duda; SACCO, Helene Gomes. Edição temática “AO SUL DO SUL”. In: *Revista Pixo*, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/announcement>. Acesso em 25 jan. 2022.
- GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. In: *Anuário de Literatura*, v. 8, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- IBARGOYEN, Saúl. *Las fronteras y el mundo*. 1. ed. digital. Mexico: Palabra Virtual, 2014.
- IBARGOYEN, Saúl. *Toda la tierra*. Uruguay: Ediciones Caracol al Galope; Mexico: Grupo Editorial Eón, 2000.
- KRATSMAN, Rita. Ana Porrúa, *El Chenque*. In: *El desván de Rita Kratsman / Blogspot*, 2007. Disponível em <http://eldesvanderitakratsman.blogspot.com/2007/08/blog-post.html>. Acesso em: 04 fev. 2022
- MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais, Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: *Les lieux de mémoire*. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.
- OLIVEIRA, Schariza. *Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Giannetti e Paloma Vidal*, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Disponível em <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4092>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- PEIXOTO, Gabriel Rodrigues. Entre La Pampa y El Mar: Sarmiento, Hernández e um Bosquejo Histórico-Literário Sobre a Gênese do Pensamento Geopolítico Argentino. In: *Revista Neiba*, v. 10, 2021. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/55621>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- PORRÚA, Ana. La infancia del procedimiento. In: *Blogspot*, 2007. Disponível em <http://lainfanciadelprocedimiento.blogspot.com/2007/02/ana-porra.html>. Acesso em: 04 fev. 2022.
- RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio: Conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RAMIL, Vitor. A resposta. In: *À beça*, 1 DVD, 1995.
- REQUIÃO, Renata. Multitelas Mesa do Porco preparada para Portfólio ArteContexto. In: *Revista Arte ConTexto*, v. 5, n. 13, jul./2017. Disponível em <https://artcontexto.com.br/portfolio/renata-requiao/>. Acesso em: 04 fev. 2022
- REQUIÃO, Renata Azevedo. *Estesias*. 2002. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6016/000479426.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 fev. 2022.
- SAER, Juan José. *El río sin orillas*. 8. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2015.
- SEERIG, Giuliana M. De “Los papeles salvajes” (Marosa di Giorgio). In: *Sepé*, 2021. Disponível em <https://revistasepe.art.br/2021/06/23/de-los-papeles-salvajes-marosa-di-giorgio-por-giuliana-m-seerig/>. Acesso em: 04 fev. 2022.
- SUÁREZ, Nicolás. La pampa en movimiento: figuraciones del paisaje del Martín Fierro de José Hernández al filme Nobleza gaucha. In: *Anclajes*, v. XXII, n. 1, enero-abril 2018, pp. 73-94. Disponível em <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/anclajes/article/view/1457/2071>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- TENTONI, Valeria. Marosa di Giorgio, la florecida. In: *Eterna Cadencia*, 2020. Disponível em: <https://www.eternacadencia.com.ar/blog/libreria/fondo-celeste/item/la-florecida.html>. Acesso em 04 fev. 2022.
- TORRES GARCIA, Joaquín. Nosso Norte é o Sul. In: MENEZES, Cynara. *Socialista Moderna*, 2012. Disponível em <https://www.socialistamorena.com.br/nosso-norte-e-o-sul/>. Acesso em: 03 fev. 2022.